

Ovídio

AS METAMORFOSES

Título original:
“Methamorphoseon”

1ª edição

LeBooks

Isbn: 9786587921754

LeBooks.com.br

APRESENTAÇÃO

Sobre o Autor



OVÍDIO (Públio Ovídio Nasão)
(42 a.C. - 18 d.C)

Reconhecido como o último dos grandes poetas da era de Augusto, Ovídio superou todos os seus predecessores em inteligência e elegância.

Depois de abandonar uma carreira política em favor de uma vida de poesia dentro dos círculos da moda e dos redutos literários de Roma, Ovídio encontrou sucesso imediato com suas primeiras investidas nas elegias de amor. Embora devotasse a maior parte da sua carreira ao gênero elegíaco, talvez seja mais conhecido pelo grandioso poema mitológico Metamorfoses, sua única

obra na tradição épica. Tendo como motivo unificador a mudança de corpos, o tema central do amor e narrativas afins que continuamente se reproduzem, *Metamorfoses* constitui o ápice de todo o virtuosismo de Ovídio. O poema é ao mesmo tempo um catálogo de mitologia e um exame erudito da convenção e herança literárias.

No auge do sucesso, em 8 d.C., Ovídio foi exilado em Tomis, uma das paragens mais distantes do império, por razões ainda envoltas em mistério. A suspeita é de que, por trás da acusação formal de imoralidade de sua poesia, tenha sido punido por um escândalo de adultério envolvendo a neta do imperador. Longe dos holofotes, Ovídio retornou às raízes elegíacas, lamentando a separação da sociedade para a qual escrevera sua poesia e que havia aplaudido sua excelência poética de forma tão ardente. O exílio marcou uma mudança abrupta no tom e no estilo de seus escritos, que se tornaram taciturnos e introspectivos. A produção do exílio, porém, trai a mesma paixão pela própria fama e pela permanência de sua poesia que já caracterizavam seus trabalhos em Roma. Foi, de fato, adequado que Ovídio tenha permanecido como uma presença influente no cânone ocidental

Sobre a Obra: As Metamorfoses

O poema épico latino, de Ovídio, escrito em Hexâmetros, é composto de 15 livros. Trata-se de uma das mais significativas obras da literatura da Roma Antiga e compreende em mais de 12.000 versos nos quais são narradas de duzentos e quarenta e seis fábulas sobre as metamorfoses, dispostas cronologicamente desde o caos

até a metamorfose no destino de Júlio César e escolhidas entre o rico repertório da tradição grega e das fábulas romanas.

Metamorfoses é um poema que retrata a transformação de pessoas em animais, rios e pedras. A narrativa concentra-se no momento das metamorfoses, não tanto nas vidas dos metamorfoseados. Escrito em latim em versos hexâmetros heroicos, traduzidos como decassílabos por Bocage, não se trata de uma antologia de mitos, mas um poema contínuo com transições abruptas nos quinze livros até a apoteose de Júlio César e a era de Augusto.

A obra apresenta mais de duzentos mitos gregos e romanos – Dentre elas há: Perseu e Andrômeda, Dédalo e Ícaro, Pitágoras Cadmo e Harmonia, Júpiter e Europa e Hércules. Ostenta o status de um dos livros mais importantes da cultura ocidental. A qualidade e precisão de Ovídio encantou desde grandes autores como Shakespeare e Montaigne e encanta leitores até os dias de hoje.

Outras Obras de Ovídio:

Amores, 25 – 16 a.C

Cartas pônticas, depois de 8 a.C

As heroides, c.5 a.C

Remédios para o amor, c.5 a.

A arte de amar, c.1 a.C.

Tristes, depois de 8 d.C

AS METAMORFOSES

É minha intenção contar como os seres assumiram novas formas. Ó deuses — eis que fostes vós que os mudastes — favorecei o meu intuito, e conduzi, ininterruptamente, o meu poema, desde a criação do mundo até o meu tempo.

Ovídio

LIVRO I

A Origem do Mundo

Antes de haver o mar e as terras, e o céu que cobre tudo, a natureza inteira tinha a mesma aparência, chamada Caos; massa bruta e informe, que não passava de um peso inerte, conjunto confuso das sementes das coisas. Nenhum Titã, ainda, oferecia luz ao mundo¹, nem Febe renovava constantemente o seu vulto, nem a Terra se sustentava por seu próprio peso, rodeada pelo ar, nem Anfitrite² estendia os braços ao longo da Terra.

A terra, o mar e o ar se confundiam, a terra era instável, os mares eram inavegáveis, o ar carecia de luz: coisa alguma ostentava a sua própria forma, umas coisas se opunham às outras, eis que, em um só corpo, o frio lutava com o calor, a umidade com a secura, o que era macio com o que era rígido, o que não tinha peso com o pesado.

Um deus³ pôs fim a essa luta e dispôs melhor a natureza; eis que afastou a terra do céu e os mares da terra, e separou o leve éter da densa atmosfera⁴. Depois de haver desenvolvido essas coisas e as arrancado da massa confusa, ligou-as pela Paz e pela concórdia, dando a cada uma o seu lugar. Acendeu-se bem no cimo do mundo o fogo vivo e imponderável da abóbada celeste. O leve ar é seu vizinho mais próximo; a terra, mais compacta que ambos, abrange os maiores elementos e se sustenta por seu próprio peso. A água, que a rodeia, constitui a última parte e envolve o orbe

sólido⁵.

Depois que um dos deuses, qualquer que tenha sido ele, assim dispôs as coisas e as separou, inicialmente deu à Terra a forma de um grande disco, evitando que oferecesse desigualdade de algum lado. Em seguida, mandou que se espalhassem as ondas do mar e que soprassem os velozes ventos e que as costas circundassem a terra. Ajuntou fontes e pântanos e lagos imensos, e cingiu de ribanceiras o declive dos rios, uns, que são engolidos pelo próprio solo, outros que chegam até o mar, e, recebidos naquele mais vasto reservatório de água, vão de encontro, não mais aos barrancos, mas à praia. Por sua ordem, estenderam-se campos, formaram-se vales, as florestas se cobriram de folhas, alçaram-se os pedregosos montes. Enquanto isso, em duas zonas se divide o céu, uma à direita e a outra à esquerda, com uma quinta zona mais ardente no meio, e assim também a diligência do deus dividiu em outras tantas zonas as pesadas massas terrestres a que o céu se sobrepõe. Das quais, a do meio é inabitável, devido ao calor; uma espessa camada de neve recobre duas; às outras duas foi dado um clima em que o calor é temperado pelo frio.

Cobre tudo o ar, que, tanto quanto é mais leve do que a terra, mais leve do que a água, é mais pesado do que o fogo. Ali o deus dispôs o nevoeiro e as nuvens, e os trovões que amedrontam as mentes humanas, e os ventos que, junto com os raios, produzem os clarões⁶. O artífice do mundo, todavia, não permitiu a ação dos ventos a torto e a direito: hoje mesmo, quando cada um toma o seu rumo, não é fácil impedir que despedacem o mundo: tamanha é a discórdia entre irmãos! Euro retirou-se em direção à Aurora e aos reinos dos nabateus, à Pérsia e às cordilheiras iluminadas pela luz matutina;

Vésper e as praias iluminadas pelo Sol poente ficam perto de Zéfiro; o horrível Bóreas acomete a Cítia e o Setentrião; no outro extremo, a Terra sofre os efeitos das nuvens constantes e da chuva provocadas por Austro. Em cima, o deus colocou o éter fluido e carente de peso, limpo de todas as impurezas terrenas.

Mal assim dispusera e fixara os limites devidos, os astros, por muito tempo escondidos sob a massa que os oprimia, começaram a cintilar em todo o céu. E, para que nenhuma parte do orbe carecesse de seres animados, os astros ocupam a região celeste juntos dos deuses dotados de um corpo⁷, as águas abrigaram os peixes reluzentes, a terra acolheu os animais selvagens, o ar as aves voadoras.

O Homem

Faltava ainda um ser mais nobre, dotado de mente superior, capaz de dominar os outros. Nasceu o homem: seja que o tivesse feito de semente divina o artífice das coisas, criador de um mundo melhor, seja que a recente terra, desprendida havia pouco do elevado éter, conservasse alguma semente de seu irmão o céu, quando o filho de Jápeto⁸ a misturou com a água da chuva, e a modelou à imagem dos deuses, que tudo governam. E, ao passo que os outros animais se inclinam para a terra, ele deu ao homem um rosto voltado para o alto, mandando-o encarar o céu e contemplar os astros. Assim, a terra, que antes fora rude e informe, acolheu as figuras ainda desconhecidas dos homens.

As Quatro Idades

A primeira idade surgida foi a do ouro, em que, na ausência de qualquer justiceiro, espontaneamente, sem a coerção das leis, praticavam-se a honestidade e a boa-fé. Inexistiam os castigos e o medo, não se liam as palavras ameaçadoras gravadas no bronze⁹ nem a turba dos suplicantes temia diante do juiz, mas todos se sentiam seguros sem o justiceiro. O pinheiro cortado na montanha ainda não descera até o mar¹⁰ para ir a países afastados, e os mortais não conheciam outros litorais além do seu. Os fossos escarpados ainda não cingiam as fortalezas; não existia o tubo recurvado da trombeta de bronze, não existiam os capacetes e as espadas: ausentes os soldados, os povos, em segurança, levavam uma vida tranquila e sem cuidados. A própria terra, imune, não tocada pelo ancinho, não ferida pela relha do arado, ofertava espontaneamente todos os seus frutos. Fartos dos alimentos produzidos sem qualquer esforço, os homens colhiam os frutos do medronheiro e os morangos na montanha, os pilritos e as amoras se prendiam às moitas de espinheiros, e as glandes tombavam do copado carvalho. A primavera era perene, os zéfiros suaves acariciavam com seu doce sopro as flores nascidas sem sementes. Sem demora, mesmo a terra não arada ostentava searas, e os campos sem trato branquejavam com as pesadas espigas. Corriam, então, rios de leite, corriam rios de néctar, e o dourado mel escorria da verdejante azinheira.

Depois, precipitado Saturno no tenebroso Tártaro, o mundo ficou sob o governo de Júpiter, seguiu-se a idade de prata, pior que a do ouro, mais valiosa que a do bronze. Júpiter reduziu a duração da antiga primavera, e,

com o inverno, o verão e o desigual outono, e encurtada a primavera, dividiu o ano em quatro estações. Então, pela primeira vez, o ar se abrasou, inflamado pela secura, e, com o vento frio, se formaram as crostas de gelo. Então, pela primeira vez, os homens procuraram abrigos. Seus abrigos foram grutas e as ramagens das árvores e traves ligadas com cortiça. Então, pela primeira vez, as sementes foram lançadas ao solo¹¹ e, sob o peso do jugo, gemeram os touros.

Sucedeu àquela a terceira idade, a do bronze, geração mais rude, mais disposta a recorrer às horríveis armas, porém não criminosa. A última é a do belicoso ferro. De súbito, irromperam todos os males, na idade do pior de todos: fugiram a vergonha, a lealdade.

Prometeu. Parte de um sarcófago. Roma, Museu Capitolino e a boa-fé, substituídas pela fraude, pelo dolo e pela insídia, pela violência e pela voracidade criminosa. Os navegantes lançavam as velas aos ventos, sem bem conhecê-los ainda; e aquelas árvores que por tanto tempo se ergueram nos altos montes¹² arrostaram, como navios, os mares desconhecidos. O agrimensor traçou limites no solo, até então bem comum, como o ar e a luz do Sol. E não se pediu apenas à terra a colheita e os alimentos naturais, mas se penetrou em suas entranhas, e o que escondia até as sombras do Estige, foi arrancado, fonte de desgraças. Descobriu-se o nocivo ferro e o ouro ainda mais malfazejo; inventou-se a guerra, que luta com ambos, e maneja as armas, com as mãos manchadas de sangue. Vive-se do roubo; o hóspede já não tem segurança junto do hospedeiro, nem o sogro junto do genro; entre os próprios irmãos, é rara a concórdia. O esposo ameaça a vida da esposa, e ela a do marido; as sinistras madrastas preparam venenos terríveis; o filho

pretende abreviar os dias do pai. Jaz vencida a piedade, e a Virgem Astréia, última criatura celestial, abandonou a Terra empapada de sangue.¹³

Os Gigantes

E para que o elevado éter não fosse mais seguro do que a Terra, os Gigantes, dizem, quiseram apoderar-se do reino celeste, amontoando os montes até os astros. Então, o pai onipotente, lançando o raio, espedaçou o Olimpo e derrubou o Pélion do alto do Ossa. Soterrados os corpos monstruosos sob os seus montes, a Terra, empapada do sangue de seus filhos, insuflou, dizem, a vida àquele sangue ainda quente, e, para que não desaparecesse de todo a sua estirpe, deu o rosto humano. Também aquela geração, contudo, desprezou os deuses e se mostrou violenta, ávida de crimes e morticínios; via-se que nascera do sangue.

Licáon

Quando do alto de seu palácio, o pai dos deuses, filho de Saturno, viu tal coisa, não conteve um gemido, e relembrando-se do que se servira no banquete de Licáon¹⁴ fato recente, não divulgado, tomou-se de uma cólera digna de Júpiter, e convocou os deuses. Os convocados não tardaram.

Há, no alto céu sereno, uma via bem visível; tem o nome de Via-Láctea, e a brancura a toma bem notória. E por esse caminho que os deuses se dirigem ao palácio onde mora o Senhor supremo do trovão. À direita e à

esquerda, os palácios dos deuses mais ilustres acolhem, de portas abertas, os visitantes. A plebe habita outros lugares¹⁵. Naquela região, os poderosos e gloriosos celícolas instalaram os seus lares. É o lugar que, se me for permitido a audácia da expressão, eu chamaria de Palatino do céu.¹⁶

Logo, pois, que os deuses superiores se reuniram no paço de Licáon. Museu de Belas-Artes, Boston mármore, Júpiter, acima de todos, apoiando-se em seu cetro de marfim, sacudiu, por três e quatro vezes, a cabeleira, que move a terra, os mares e os astros. Seus lábios, em seguida, expressaram sua indignação nestes termos: “Não me afligi mais, como soberano do mundo, na ocasião em que os Gigantes, cada um com cem braços, se dispunham a conquistar o céu.¹⁷ Eis que, embora feroz fosse o inimigo, naquela guerra os guerreiros eram da mesma raça e visavam o mesmo fim. Hoje, é mister acabar com a estirpe dos mortais em todo o orbe em torno do qual retumbam as ondas do mar¹⁸ Juro pelos rios que correm sob a terra no bosque do Estige¹⁹ tudo antes tentei. O mal é incurável, porém, e deve ser cortado pela espada, para que a parte sã não seja arrastada. Disponho dos semideuses, das divindades rústicas, das ninfas, e dos sátiros e faunos, e dos silvanos dos montes, aos quais, por não os julgarmos ainda dignos das honras do céu, permitimos ficar na terra molestados. Por acaso, ó deuses, acreditais que estejam em segurança, quando a mim, que sou dono do raio e vosso senhor e vosso rei, ameaçam as insídias do famigerado, do feroz Licáon?”

Comoveram-se todos, e ardentes de zelo, reclamam a punição de tal crime. Assim como, quando mão sacrílega pretendeu extinguir no sangue de César o nome de Roma, o gênero humano foi tomado de espanto ante a

ameaça de tal desgraça, e todo o orbe estremeceu de horror. E a solidariedade dos teus não te foi mais grata, Augusto, que a dos deuses foi a Júpiter. E, depois que este fez cessar os murmúrios, com a voz e com o gesto, todos se calaram. Cessado o rumor, pela autoridade do chefe, Júpiter rompeu o silêncio com estas palavras:

“Tranquilizai-vos, pois, em verdade, ele já foi castigado. Contarei, todavia, qual foi o seu crime e qual a punição. Chegara aos meus ouvidos a notícia da infâmia destes tempos. Desejaria que fosse falsa. Resolvo, por isso, deixando o alto Olimpo, embora deus, percorrer a Terra em forma humana. Seria longo enumerar tudo de criminoso que encontrei por toda a parte: a verdade era ainda pior do que eu ouvira. Atravessei o Menalo, horrível covil de feras, e, após Cilene, os pinheirais do gélido Liceu. Cheguei, então, às terras e à morada pouco hospitaleira do tirano da Arcádia, quando, à tarde, o crepúsculo traz a noite. Anunciei por sinais de que chegara um, deus, e o vulgo começou a orar. Licáon a princípio riu dessa respeitosa devoção, e disse após: ‘Verificarei se esse suposto deus não é um mortal, e de maneira bem clara. A verdade tomar-se-á patente’. Prepara-se para matar-me desprevenido, quando o sono me dominar: assim quer experimentar a verdade. Não se contentou com isso; os molossos²⁰ haviam-lhe mandado reféns; passa um deles a fio de espada, depois divide seus membros ainda palpitantes, amolece uma parte em água fervendo e leva a outra ao fogo para assá-la. No mesmo momento que esses despojos são servidos, lanço uma chama ultriz contra o dono da casa e os penates dignos dele, e faço desmoronar sua morada. Ele próprio foge, aterrorizado, e ulula, refugiado no silêncio dos campos; em vão se esforça para recuperar a fala; dele

próprio a raiva acorre à sua boca, e seu gosto habitual pelo morticínio se volta contra os animais, e também agora se deleita com o sangue. As vestes se transformam em pelos, em patas os braços; faz-se lobo, mas guarda vestígios da antiga forma: a mesma cor grisalha, a mesma fúria na cara, o mesmo brilho nos olhos, a mesma imagem da ferocidade. Uma única casa foi destruída, mas não era a única casa que merecia perecer: sobre a extensão da Terra reina a feroz Erina²¹; afigura-se uma conjuração do crime. Urge que todos sofram o merecido castigo; tal é minha firme decisão.”

Tendo falado Júpiter, alguns o aprovam com veemência e o estimulam, outros se limitam a assentir. A destruição do gênero humano, porém, constitui para todos uma dor, e indagam como será o aspecto futuro da Terra privada dos mortais, quem levará aos altares o incenso, se acaso ele pretende entregar aos animais selvagens as terras para que as assolem. A tais perguntas, responde o rei dos deuses que de tudo se encarregará, proíbe a agitação, e promete que surgirá, de maneira maravilhosa, uma raça diferente do povo anterior.

Já ia espalhar os raios por todas as terras, mas teve medo de que o éter sagrado se inflamasse com todo aquele fogo e o mundo ardesse em toda a extensão do seu eixo. Lembrou-se também que, de acordo com os fados, chegará um dia em que o mar, a terra e o palácio celeste atingidos arderão, e desmoronará o conjunto do mundo, com tanta indústria construída. Põe de lado os dardos feitos pelas mãos dos ciclopes²²; apraz um castigo diferente: destruir pela água o gênero humano e desfazer as nuvens de todo o céu.

O Dilúvio

Sem demora, prende Aquilão nas cavernas de Éolo, assim como todos aqueles ventos que arrastam e dispersam as nuvens, e faz sair Noto, que voa com as asas ensopadas, com o rosto terrível coberto por um negrume de pez; tem a barba pesada com a chuva, a água escorre de seus cabelos brancos, a névoa lhe cobre a fronte, desprendem umidade suas asas e seu peito. E, quando aperta com o braço estendido as nuvens suspensas, provoca um estrondo, e caem do alto do éter as águas que ele guarda. Íris, a mensageira de Juno, trajada de cores variegadas, ajunta e recolhe as águas que leva às nuvens²³. Destroem-se as searas, jazem por terra as esperanças dos camponeses, e desaparece o trabalho inútil de todo um ano. A cólera de Júpiter não se contentou, porém, com o céu, mas o seu irmão celícola o socorre com as suas águas.

Convoca os nós, aos quais diz, depois que eles entraram em seu palácio: “Inúteis são agora as longas exortações. Daí curso à vossa violência, tal é a tarefa. Abri as portas e, afastando os diques, deixai correr livremente os vossos rios”. Assim ordenou. Eles regressam, escancaram as bocas das fontes, e, desenfreadas, as águas se precipitam para o mar. Ele próprio bate rijo com o tridente na terra, que estremece, e o tremor faz desencadear a água. Espraiados, os rios correm através dos campos, arrastando tudo, as árvores junto com o gado, com os homens e com as casas, arrastando os santuários com os objetos sagrados. Se alguma casa ficou de pé e pode resistir à catástrofe, outra onda mais alta cobre o teto, e as torres subjugadas desaparecem na voragem. Já não havia mais qualquer

diferença entre o mar e a terra: tudo era o pélagos, e mesmo as praias faltavam a esse pélagos. Este se refugia em um monte; um se acomoda em um barco recurvado e maneja o remo sobre o lugar que antes arava; outro navega sobre seus trigais ou o telhado de sua casa submersa; outro mais apanha um peixe no alto de um olho. Se assim quer a sorte, é em um verde prado que se finca a âncora, e as quilhas recurvadas esmagam os vinhedos cobertos pela água. K ali, onde pastavam as esbeltas cabras, arrastam-se focas disformes. Debaixo da água, as Nereidas olham com espanto os bosques, as cidades e as casas. Moram na floresta os golfinhos, andam pelos altos galhos e esbarram no carvalho, abalando-o. O lobo nada entre as ovelhas, a água arrasta os fulvos leões, arrasta os tigres. A força fulminante de nada vale ao javali, nem a velocidade na corrida ao veado arrebatado pela enchente. Tendo procurado longamente terra onde pudesse pousar, cai no mar, com as asas cansadas, a ave errante. Os montes desapareceram sob a imensa vastidão do pélagos, as desusadas ondas castigavam o cume das cordilheiras. As águas afogaram a maioria dos homens; os que as águas pouparam, sucumbiram depois de sujeitos a prolongada fome.

Deucalião e Pirra

A Fócida separa os aônios dos campos onde se ergue o Eta; foi uma terra feraz, enquanto foi terra; naquele tempo, porém, era parte do mar e do vasto conjunto de águas subitamente reunidas.

Ali, um monte ergue para os astros dois cumes escarpados; chama-se Parnaso e seu cimo ultrapassa as

nuvens. Ali, onde aportaram, Deucalião e sua esposa, em um frágil barco, pois a água recobria o resto do mundo, dirigem suas preces às ninfas coricianas²⁴ e às divindades da montanha, assim como a Têmis, intérprete do destino, então possuidora do oráculo²⁵. Jamais houve varão melhor e mais amante da equidade que ele, jamais houve mulher mais temente dos deuses do que ela.

Quando Júpiter viu que o orbe não passava de um lago imenso, e que de todos os milhares de homens um só sobrevivera, e de todas as mulheres só sobrevivera uma, ambos inocentes, ambos devotos dos deuses, dispersa as nuvens, com as chuvas afastadas por Aquilão, e mostra a terra ao céu e o céu à terra. Também não persiste a cólera do mar; pondo de lado a lança de três pontas, o governante do pé lago apazigua as águas, e vendo emergir das profundezas o cerúleo Tritão²⁶, com os ombros cobertos de mariscos ali nascidos, chama-o e ordena que sobre sua concha sonora, dando às ondas e aos rios o sinal de retirada. Tritão toma a trombeta, enrolada sobre si mesma, que vai se alargando cada vez mais a partir da ponta, e cujo som, desde que é soprada do meio do mar, alcança os litorais, em ambas as extremidades que ficam sob o curso de Febo. Então, desde que tocou a boca do deus, umedecida pela barba empapada de água, e obedecendo a seu sopro, a trombeta soou, foi ouvida por todas as águas da terra e do mar, e todas as águas que a ouviram obedeceram. A água baixa seu nível, veem-se as colinas surgir; o mar já tem praias, os rios correm dentro de seus leitos; eleva-se o solo, a superfície aumenta, à medida que descem as águas. Depois de longos dias, as florestas mostram suas copas desfolhadas, retendo o limo em seus ramos.

O orbe voltara a ser o que fora. Ao vê-lo desolado e

as terras devastadas rodeadas de um silêncio, profundo, Deucalião, desfeito em lágrimas, assim falou a Pirra; “Ó minha irmã, ó minha esposa, ó única mulher sobrevivente, que tens comigo identidade de origem, pois nossos pais eram irmãos, e que nos unimos depois no mesmo leito, hoje o próprio perigo nos vincula. Somos os dois únicos habitantes da Terra, tão longe se aviste o poente e o nascente; o mar possui o resto. Mas essa própria confiança em nossa vida não é suficientemente certa. Agora mesmo tenho a mente turbada. Que coragem terias, mulher desamparada, se, sem mim, fosses arrastada pelos fados? Como resistirias, sozinha, ao medo? Junto a quem buscarias consolo? Quanto a mim, acredita, se o mar tivesse tem levado também, eu te seguiria, ó minha esposa, e o mar me levaria também. Oxalá pudesse eu repovoar o mundo com as artes de meu pai e insuflar almas à Terra refeita! Da estirpe dos mortais, restam agora nós dois. Assim quiseram os deuses: permanecemos como os exemplares da humanidade”.

Disse, e choraram. Resolveram implorar à divindade celeste, e buscar a sua ajuda, através dos oráculos sagrados. Sem demora, dirigem-se juntos ao rio Cefiso, cujas águas, ainda não cristalinas, já corriam, porém, no próprio leito. Ali, depois de se purificarem, derramando o líquido nas vestes e nas cabeças, dirigiram seus passos ao santuário da venerável deusa, cuja fachada estava coberta pelo feio musgo e a cujo altar faltava o fogo. Tendo pisado o umbral do templo, curvam-se os dois até o chão, e osculam a fria pedra. E assim disseram: “Se vencidas pelas preces respeitadas as divindades se abrandarem, se se acalmar a ira dos deuses, dize, Têmis, de que modo pode ser reparado o dano causado à nossa

estirpe, e dá-nos esses meios, ó boníssima”. A deusa comoveu-se e deu esta resposta: “Afastai-vos do templo, cobri a cabeça desapartai os vestidos, e atirai para trás os ossos de vossa avó”.

Por muito tempo, ficam os dois perplexos, depois Pirra, em primeiro lugar, fala, sugerindo recusar a ordem da deusa, rogando, com voz apavorada, perdão por não ousar ofender os manes maternos, se atirar os ossos. Refletem, no entanto, sobre os termos obscuros das palavras do oráculo e cogitam entre si. Afinal, o filho de Prometeu, com boas palavras, tranquiliza a filha de Epitemeu, dizendo: “Ou nos falta a sagacidade, ou o oráculo, obediente aos mandamentos divinos, de modo algum exige um sacrilégio. Nossa avó é a terra; as pedras, a meu ver, são os ossos no corpo da terra; foi pedras que nos mandaram atirar para trás”.

Conquanto impressionada pela explicação do esposo, a filha do titã ainda tem dúvida sobre o desfecho; a tal ponto ambos se mostram indecisos sobre o conselho celeste. Que mal, porém, lhes faria tentar? Descem, tampam as cabeças, afrouxam as túnicas e se põem a atirar as pedras para trás, enquanto caminham. As pedras — quem nisso acreditaria, se não fosse o antigo testemunho? — começaram a perder sua grande dureza, a se amolecer, e, uma vez amolecidas, a tomar outra forma. Em pouco, após crescerem e assumirem uma natureza mais doce, pode-se ver surgir, se bem que ainda vaga, uma forma humana, semelhante aos esboços talhados no mármore, às estátuas inacabadas e rudes. No entanto, a parte impregnada de umidade e ligada à terra tornou-se a carne; o que era sólido e inflexível transformou-se em ossos; e o que antes era veia permaneceu com o mesmo nome²⁷. Assim, em breve

espaço de tempo, graças aos deuses superiores, as pedras lançadas pelas mãos do homem assumiram a forma de homens, e as lançadas pela mulher a forma feminina. A partir de então, somos uma raça dura, acostumada ao trabalho, e apresentamos uma prova da nossa origem.

Piton

A Terra, por sua própria vontade, produziu os outros animais de diversas formas, depois que, com o tempo, a água se aqueceu grandemente sob o fogo do Sol, que a lama e os pântanos fermentados pelo calor e que as fecundas sementes dos seres vivos, nutridas no solo vivificante como no ventre de uma mãe, cresceram e assumiram uma forma pouco a pouco. É assim que, quando o Nilo de sete embocaduras se retira dos campos empapados em suas águas e volta o curso ao seu leito primitivo, quando o limo recém-depositado é aquecido pelo astro celeste, os agricultores, na gleba revolvida, encontram grande número de animais, entre os quais alguns ainda em formação, outros imperfeitos, incompletos, e, muitas vezes, no mesmo corpo uma das partes é viva e a outra não passa de limo. Eis que, quando combinam, a umidade e o calor geram a vida, e tudo se deriva da união dos dois; assim, da luta do fogo com a água, o úmido vapor criou todas as coisas e a concórdia dos elementos discordantes leva à geração.

Desde, portanto, que a terra, coberta de lama pelo recente dilúvio, se aqueceu com os raios solares e o propício calor, produziu inúmeras espécies, em parte conservando as figuras antigas, em parte criando formas

estranhas. Sem dúvida, ela não queria fazer, mas também a ti, ó enorme Piton, ela gerou, para os novos povos, uma serpente desconhecida, um motivo de terror, tamanho era o espaço que ocupavas na montanha. O deus que traz o arco, e que até então não o usara senão contra os veados e as cabras fugazes, matou Piton, crivando-a de mil flechas, quase esvaziando a aljava; o veneno escorreu a flux pelas negras feridas. E, a fim de que não se perdesse no tempo a memória de seu feito, Febo instituiu jogos sagrados, concorridíssimo certame, denominados Pítios, por causa do nome da serpente morta. Ali, qualquer dos jovens que alcançasse a vitória, na luta, na corrida a pé ou na corrida de carros, recebia uma coroa de folhas de carvalho. Ainda não existia o loureiro, e Febo cingia a bela fronte, e a longa cabeleira, com as folhas de qualquer árvore.

Dafne

O primeiro amor de Febo foi Dafne, filha do Peneu²⁸; não surgiu do mero acaso, mas da ira feroz de Cupido. Há pouco, o deus de Delos, orgulhoso por ter vencido a serpente, o vira recurvando o arco e retesando a corda. “Que fazes”, dissera, “menino petulante, com as armas poderosas? Quem deve trazê-las ao ombro sou eu, que sou capaz de abater uma fera com mão firme, capaz de ferir os inimigos, que, com inúmeras setas, matei a arrogante Piton, cujo ventre pestífero ocupava tanto espaço. Quanto a ti, contenta-te, com o teu facho, de seguires a pista de não sei que amores, e não aspires aos louvores que mereço”. Retrucou o filho de Vênus: “Que o teu arco atinja tudo, ó Febo. O meu te atingirá.

Tanto quanto todos os seres vivos são superados por um deus, a tua glória é inferior à minha”. Disse, e fendendo o ar com as fortes asas, pousou no cume umbroso do Parnaso, depois retirou da aljava repleta duas setas, destinadas a fins bem diferentes: uma põe em fuga o amor, outra o provoca. A que provoca o amor tem a ponta curva e fina, que rebrilha; a que faz fugir o amor é obtusa e a ponta é de chumbo. Com essa última, feriu o deus a ninfa filha de Peneu; com a outra, feriu Apolo, atravessando-o até a medula dos ossos. Logo, um se apaixona; a outra foge do amor e se deleita nos recantos escuros da floresta e com os despojos das feras capturadas, rival da virgem Febe. Uma fita prendia os seus cabelos revoltos. Muitos a cortejavam; ela recusava os pretendentes, repelindo o possível esposo, percorria os bosques, sem se preocupar com o himeneu, com o amor, com o matrimônio. Muitas vezes o pai Ihe dizia: “Deves me dar um genro, ó filha”, e muitas vezes: “Dá-me netos, minha filha”. Ela, repelindo como um crime a ideia do casamento²⁹ coberto de rubor o lindo rosto e cingindo com os braços o pescoço do pai, implorou: “Concede, querido pai, que eu desfrute a perpétua virgindade. Seu pai concedeu tal coisa a Diana”. Ele concede, realmente. Tu mesma, porém, Dafne, te opões ao que desejas, tua beleza contraria o teu voto. Febo ama; viu Dafne e almeja unir-se a ela, e o que deseja, espera; seus oráculos falharam, no entanto. Assim como se queima a palha da ceifa, assim como se incendeiavam as sebes com o tição que, ocasionalmente, o viajante, ou aproxima demais ou deixa atrás de si ao romper do dia, assim o deus se consome em chamas, assim arde seu coração e acalenta um amor sem esperança. Pergunta, vendo os cabelos revoltos da ninfa Ihe caindo até os ombros: “Que seria, se

os penteasse?” Vê seus olhos brilhantes, que se parecem com os astros; vê a boquinha delicada, que não satisfaz, só com ver, o seu desejo; louva os dedos, as mãos e os braços, nus em sua maior parte; e imagina ainda mais belo o que está oculto. Ela foge mais veloz que a brisa, e não se detém às palavras do deus: “Suplico-te, ó ninfa, ó filha de Peneu, fica! Não te persigo como um inimigo; ó ninfa, fica! Foges como o cordeiro foge do lobo, o corço do leão, assim como fogem da águia as amedrontadas pombas, cada um diante de um inimigo. O amor é a causa de eu te seguir. Ai de mim! Não caias, para que os espinheiros não deixem marcas indevidas em tuas pernas, e eu não seja a causa de teus sofrimentos. São ásperos os caminhos por onde corres. Modera, suplico-te, a carreira, para de fugir. Eu mesmo andarei mais devagar. Mas aquele a quem agradas quer conhecer-te. Não sou um habitante das montanhas, não sou um pastor, um rude guardador de bois e de carneiros. Não sabes, não sabes, imprudente, de quem tu foges, e por isso foges. Reconhecem-me como senhor as terras délficas e Claros e Tenedos e o paço real de Patéria. Júpiter é meu pai. Graças a mim, desvendam-se o futuro, o passado e o presente³⁰; graças a mim os cantos se unem com as notas da lira. A seta que lanço acerta o alvo, mas há uma seta mais certa que a minha, a que vem ferir um coração vazio. Fui eu que inventei a medicina, sou chamado o benéfico em todo o orbe, e as plantas estão sujeitas ao meu poder. Ai de mim! Não há planta capaz de curar o meu amor, e todas essas artes de nada valem para o seu senhor!”

La dizer mais coisas, mas a filha de Peneu foge amedrontada, deixando-o sem terminar as palavras; oferecia ainda o espetáculo de uma graça decorosa. Os

ventos lhe desnudavam o corpo, seu sopro, vindo de frente, lhe agitava as vestes e a brisa lhe lançava os cabelos para trás; a própria fuga a embelezava. O jovem deus, contudo, não mais pode se resignar a limitar-se às palavras ternas e o próprio amor o impede a seguir os passos. Assim, o cão da Gália avista uma lebre em um descampado, e põe-se a persegui-la e ela a fugir, ele procurando a presa e ela a salvação; o primeiro a todo o momento parece prestes a alcançar a outra, que acompanha de perto, de focinho estendido; a outra, na dúvida, imagina se será apanhada, livra-se das próprias dentadas do cão e escapa daquela boca que a toca. Assim o deus e a virgem, ele repleto de esperança e ela de medo. Ele, no entanto, é mais pronto, levado pelas asas do amor, e, incansável, roça as costas da fugitiva, junto à nuca, cujos cabelos esparsos seu próprio sopro agita. Com as forças esgotadas, a virgem empalidece e, exausta pelo esforço daquela fuga, exclama, voltando os olhos para as águas do Peneu: “Socorre-me, meu pai! Se vós, os rios, tendes um poder divino, muda a minha aparência, culpada de muito agradar!”

Mal acabara a súplica, um pesado torpor lhe invade os membros; seu peito delicado se reveste de uma fina casca, os cabelos se transformam em folhas, os braços em ramos; os pés que ainda há pouco corriam tão rápidos, são raízes ao chão presas agora, o rosto desaparece na fronde. Somente o seu encanto permanece. Febo ainda a ama e, pondo a mão no tronco, sente o coração que continua a bater sob a nova casca. Abraçando os ramos, como se fossem membros, cobre a madeira de beijos, mas a madeira se furta aos seus beijos.

E disse o deus, então: “Se minha esposa não podes

ser, serás minha, ó árvore. Sempre estarás comigo, loureiro, nos cabelos, na citara e na minha aljava. Estarás entre os chefes latinos, quando vozes alegres cantarem o triunfo e o Capitólio contemplar os longos cortejos. I também na entrada da morada de Augusto estarás erguido como fidelíssimo guardião, em frente à porta, protegendo o carvalho situado entre as tuas duas árvores³¹ E, como a minha cabeça de longos cabelos, será eternamente jovem, também tu hás de exhibir constantemente tua folhagem gloriosa”. Calou-se Peane³². Com os ramos há pouco formados, o loureiro anuiu, e dir-se-ia que inclinou a copa, como uma cabeça.

Lo, Argos, Siringe

Existe na Hemônia uma região nemorosa, fechada de todos os lados por florestas escarpadas, que se chama Tempe. Por ali, o Peneu, nascido no sopé do Pindo, rola suas águas espumejantes, que, caindo das cachoeiras, se condensam em vapores, formando nuvens que retomam em gotículas, regando as copas das árvores, e seu ruído retumba nos lugares vizinhos. Ali está a casa, ali está a morada, ali está o santuário do grande rio. Ali, postado em uma gruta escavada nos penedos, governa as águas e as ninfas que habitam as águas. Ali se reúnem primeiro os rios da região, sem saber se devem felicitar ou consolar um pai, o Espérquio abundante em álamos e o irrequieto Enipeu, o velho Apidano, o tranquilo Amfriso e o Eas, e mais outros rios, que, cada um segundo o seu ímpeto, lançam ao mar as águas cansadas com a viagem. Ausente está apenas o Inaco, que, escondido no fundo de sua caverna, engrossa com

as lágrimas as suas águas, chorando, tristíssimo, a filha lo, perdida. Não sabe se ela frui a vida ou se está entre os Manes. Como não a encontra em parte alguma, como não a vê em parte alguma, imagina o pior. Júpiter a virar quando voltava do rio seu pai. “O virgem digna de Júpiter, que farás feliz aquele (quem será?) que receberes em teu leito, vem gozar a sombra das majestosas florestas”, exclamou, mostrando as sombras dos bosques “na hora em que faz calor, e o Sol, na metade do caminho, se encontra bem no alto do céu. Se temes entrar sozinha nos antros das feras, é sob a proteção de um deus que penetrarás na solidão dos bosques, e não um deus da plebe, mas que sustenta com a mão poderosa o cetro celeste, que lança os fulminantes raios. Não fujas de mim!” Ela fugia, em verdade. Já abandonara as pastagens de Lerna e os campos arborizados de Lircéia, quando o deus, cobrindo as terras com uma nuvem escura, deteve a fuga da ninfa e violentou-a.

Enquanto isso, Juno olhou, de cima, para o centro de Argos, e estranhando que as nuvens velozes tivessem transformado em noite o clarão do dia, percebeu que elas não vinham do rio, nem da terra umedecida, e olha em torno de si, procurando o esposo, já tendo descoberto tantas vezes as tramoias do marido. Depois de tê-lo em vão procurado no Céu “Ou muito me engano, ou estou sendo enganada”, diz, e, descendo do alto éter, chega à Terra e manda que a nuvem se disperse. Júpiter pressentira a chegada da esposa e transformara a filha de Inaco em uma novilha de pelo reluzente. Mesmo como novilha, ela continua formosa. A contragosto embora, Satúrnica admira a figura da vaca e pergunta de onde vem, a que rebanho pertence, como se não o soubesse. Júpiter mente que ela é filha da terra, para impedir mais

indagações sobre a sua origem. Satúrnica a pede de presente. Que fazer? Seria cruel entregar o objeto amado; não o entregar causaria suspeita. O decoro aconselhava uma coisa, o amor aconselhava o contrário. O decoro seria vencido pelo amor; todavia, recusar aquele modesto presente de uma vaca à sua companheira de leito e de origem³³, poderia fazer duvidar que se tratasse mesmo de uma vaca. Ainda depois de dada a sua rival, a deusa não banuiu de pronto todo o medo, temia Júpiter, receosa de ser ludibriada, até que confiou a novilha à guarda de Argos, filho de Arestor.

Argos tinha a cabeça cingida de cem olhos; dois deles, de cada vez, sucessivamente descansavam, enquanto os outros se mantinham ativos. Em qualquer posição, olhavam Io: tinha Io ao alcance de seus olhos, mesmo quando estava de costas. De dia, deixa-a pastar. Quando o Sol se esconde atrás das elevações, ele a fecha, passando um laço em torno do ultrajado pescoço. Ela se alimenta com as folhas das árvores e as ervas amargas, e, como leito, é na terra, nem sempre mesmo coberta de grama, que se deita a infortunada, e bebê a água barrenta do rio. E quando, suplicante, quer estender os braços para Argos, não tem braço que possa estender. Ensaia uma queixa, e é um mugido que lhe escapa da boca, e seu som a enche de susto, a sua própria voz a aterroriza. Vem às margens do Inaco, onde costumava muitas vezes brincar; quando contempla na água seu focinho e os desusados chifres, horroriza-se e, consternada, foge de si mesma. As náíades não a conhecem, o próprio Inaco a desconhece. Ela, porém, segue o pai, segue as irmãs, deixa-se tocar, oferece-se, causando admiração. O velho Inaco oferecera ervas cortadas por ele; ela lambe a mão do pai, beija as

palmas, e não contém as lágrimas, e, se ao menos lhe fosse dada a palavra, falaria, diria seu nome e contaria as suas desgraças. À falta de palavras, as letras que seus pés desenharam no pó revelaram a triste transformação do seu corpo. “Desgraçado de mim!”, exclama o pai, Inaco, debruçando-se sobre os chifres e o alvo pescoço da novilha. “Desgraçado que sou!”, lamenta-se. “És tu, minha filha, que procurei por toda a terra? Antes de encontrar-te, era menor a minha dor que ao encontrar-te. Guardas silêncio, não proferes uma palavra em resposta às minhas, apenas arrancas um suspiro do imo do peito, e nada podes fazer senão mugir quando falo. Néscio, eu preparava para ti o tálamo e os fachos nupciais, acalentava a esperança, primeiro de um genro, depois de netos. E de um rebanho, agora, que te virá um marido. E não me é lícito pôr fim à minha dor pela morte; é uma desgraça ser deus, ter a porta da morte fechada, suportar o sofrimento eterno”. Assim se lamenta, e Argos, o de muitos olhos, os separa, levando a filha para longe do pai, levando-a ao pasto. Instala-se depois no alto de um elevado monte, bem longe, e dali lança o olhar por toda parte.

O soberano dos deuses, no entanto, não pode tolerar que tantos males afluam a neta de Foroneu, e chama o filho, que uma das Pléiades luminosas dera à luz, e ordena que mate Argos³⁴. Sem demora, aquele prende as asas aos pés, empunha o seu poderoso caduceu que provoca o sono e cobre os cabelos. Feitos esses preparativos, o filho de Júpiter deixa a alta morada e desce na Terra; ali retira a cobertura da cabeça e as asas; conserva, porém o caduceu. Usa-o, como um pastor, para dirigir, através dos campos, as cabras, que ele roubou ao passar, enquanto toca uma gaita que ele

mesmo fez³⁵. O guardião de Juno se deleita com essa música nova. “Tu, sejas quem fores, podes assentar comigo neste rochedo”, diz Argos, “eis que em lugar algum há erva mais abundante para o gado, e esta sombra, como vês, é grata aos pastores”. Senta-se o neto de Atlas e, falando muito, conversa durante todo o dia, e, tocando na gaita que fizera, tenta vencer os olhos vigilantes. O outro, no entanto, luta para resistir ao sono, e, embora uma parte de seus olhos tenha adormecido, a outra parte mantém a vigília. Também pergunta — pois a invenção da gaita era recente — como se descobrira aquilo.

Disse então o deus: “Nas gélidas montanhas da Arcádia, havia, entre as hamadríades de Nonacris, uma náíade que era a mais famosa de todas; as ninfas a chamavam de Siringe. Mais de uma vez, ela escapara da perseguição dos sátiros e dos diversos deuses, que habitavam os bosques umbrosos e os campos ferazes. Dirigia todos os seus votos à deusa Ortígia³⁶, dedicando a sua virgindade. Trazendo o cinto à moda de Diana, poderia iludir e ser tomada pela filha de Latona, se o seu arco não fosse de chifre e o outro de ouro. Ao voltar do monte Liceu, Pã a viu e, trazendo na cabeça a coroa de folhas de pinheiro, diz-lhe...” faltava contar como a ninfa, desdenhando as súplicas, fugira por lugares sem caminho, até chegar ao Lado, que corre placidamente em um leito de areia. Ali, como a água do rio a detivesse, ela implorara às suas irmãs, as ninfas das águas, que a transformassem; Pã, acreditando-se já senhor de Siringe, que agarrara, em vez do corpo da ninfa, viu apenas caniços palustres. Quando suspirava, então, ao sopro, o caniço emitiu um som suave, semelhante a um, lamento. E disse o deus, cativado pela nova música e sua doçura:

“E assim que permanecerá meu convívio contigo!” E de tal modo, graças aos caniços desiguais e presos uns aos outros pela cera, conservara o nome da donzela.

Quando se preparava para continuar a narração, o deus de Cileno³⁷ viu que todos os olhos do outro haviam sucumbido ao sono e se fechado. Cala-se imediatamente e toma o sono ainda mais profundo, tocando os olhos com a varinha mágica; sem demora, com a espada recurvada corta a cabeça de Argos junto ao pescoço, e a atira, ensanguentada, do alto do rochedo, manchando de sangue os alcantilados penhascos. Jazes inanimado, ó Argos, toda a luz que tinhas nos olhos se apagou, e a mesma noite escurece os cem olhos. A filha de Saturno os retira e os coloca nas penas de sua ave, cuja cauda enche de uma constelação de gemas³⁸.

Sempre arrebatada, pois o tempo não abrandava a sua ira, lança uma horrível Erínia aos olhos e ao espírito de sua rival da Argólida; esconde no peito um agulhão terrível, e a obriga a fugir aterrorizada por todo o orbe. Eras o último, ó Nilo, nesse imenso labor. Ao alcançar o rio, ela caiu de joelhos em sua margem, e, com o pescoço abaixado, levantou para o céu o rosto, como só ela podia elevar, com gemidos e lágrimas e doloroso mugido, como se suplicasse a Júpiter para pôr fim ao seu sofrimento. O deus, abraçando a esposa, roga que ponha fim ao castigo. “Nada temas no futuro”, diz. “Jamais ela será para ti um motivo de sofrimento”. E ordena aos paludes do Estige que ouvirem a promessa. Apaziguada a deusa, a ninfa volta a ser o que era. Caem os pelos do corpo, os chifres vão diminuindo até desaparecerem, os olhos arredondados se alongam, a boca diminui de tamanho, reaparecem os braços e as mãos, o casco tomba e dá lugar a cinco unhas. Nada resta da novilha, a não ser a

alvura. Necessitando apenas do apoio de dois pés, a ninfa se ergue; tem medo de falar, receia mugir como uma vaca, e timidamente retoma a voz de que estava privada. Hoje, deusa celebradíssima, é cultuada pela multidão vestida de linho³⁹.

Livro II

Faetonte

Foi dela que, gerado, segundo se acredita, pela semente do grande Júpiter, nasceu Epafo, que, nas cidades, ocupa templos unidos aos de sua mãe⁴⁰. De caráter semelhante ao seu e da mesma idade, era Faetonte, filho do Sol. Certo dia, como, orgulhoso de seu pai Febo, Faetonte, cheio de jatância, se negasse a ceder-lhe, exclamou o neto de Iaco: “Insensato, crês em tudo que diz a tua mãe, e te enches de arrogância à ideia de um suposto pai”. Faetonte enrubesceu, e, por vergonha, conteve a sua cólera, e contou a sua mãe, Climene, os insultos de Epafo. “E o que mais te fará sofrer, minha mãe”, acrescenta, “é que eu, que sou franco, que sou altivo, me calei. É doloroso que aquelas insinuações vergonhosas para nós fossem ditas sem que eu as pudesse refutar. Quanto a ti, se sou, realmente, pelo nascimento, de origem celeste, dá um sinal de tão elevada estirpe e confirma tal origem”. Disse e abraça a mãe, e por sua própria cabeça e pela de Merope, pelos fachos nupciais de suas irmãs⁴¹, súplica que o faça conhecer, por um sinal, seu verdadeiro pai. Seja porque se comoveu com as súplicas de Faetonte, seja porque foi levada mais pela cólera de se ver ultrajada, Climene ergueu os braços para o céu e disse, olhando a luz do Sol: “Por esse astro luminoso que nos ofusca com os seus raios, que nos ouve e nos vê, juro-te, meu filho, és filho do Sol, que contemplas, que dirige o orbe. Se estou

mentindo, que nunca mais eu possa vê-lo e que sua luz chegue agora aos meus olhos pela última vez. E nem será preciso muito esforço para conheceres os penates paternos. O lugar onde ele nasce é uma morada vizinha da nossa Terra”.

Faetonte se regozija logo que sua mãe assim falou e já se imagina no éter, e, atravessando as regiões etíopes, de onde era, e as regiões indianas castigadas pelo Sol dirige-se, sem demora, ao lugar de onde seu pai se levanta.

O Palácio do Sol sustentava-se em altas colunas, resplandecente de ouro e de um metal que parecia fogo⁴²; o marfim reluzia, cobrindo até o alto da fachada; os duplos batentes da porta tinham um brilho argênteo. A arte superava o material. Eis que Mulcíbero⁴³ cinzelara o mar que cinge as terras do orbe terrestre e o céu que está suspenso sobre o orbe. O mar tem os seus deuses cerúleos, o sonoro Tritão, Proteu de formas mutáveis e Egeone com os braços pesados sob o enorme volume das baleias, e Doris e suas filhas, algumas das quais se veem nadando, enquanto as outras secam os cabelos, sentadas em um rochedo, certas de serem carregadas pelos peixes. Não têm todas a fisionomia igual, mas não muito diferente, como convém a irmãs. A Terra apresenta homens, cidades, florestas e animais selvagens, rios e ninfas e outras divindades rústicas. Sobre tudo isso, ergue-se a imagem de um céu resplandecente, com os signos do zodíaco, seis no batente da porta da direita e outros tantos à esquerda.

Logo que o filho de Climene, pela ladeira, terminou e entrou no palácio do pai de que duvidara, dirige-se a ele e se detém à distância: de mais perto não podia suportar a sua luz. Ostentando uma veste de púrpura, Febo achava-

se sentado em um trono de esmeralda resplandecente. À direita e à esquerda, achavam-se os Dias, os Meses e os Anos, e os Séculos, e as Horas, dispostas em espaços iguais. Também lá se encontravam a Primavera, cingida de uma coroa de flores, o Verão nu e trazendo uma grinalda de espigas, o Outono sujo com as uvas espremidas e o glacial Inverno, com a cabeleira branca desgrenhada. Então, o Sol, que se encontrava no meio dos outros, com seus olhos que tudo veem avistou o jovem, amedrontado com a novidade do espetáculo. "Qual o motivo de tua viagem?", perguntou. "Que procuras neste palácio, Faetonte, cuja paternidade não nego?" Responde o outro: "Ô luz comum do imenso mundo, Febo, meu pai, se me permites usar esse nome, e se Climene não esconde a sua culpa sob uma imagem falsa, dá-me um sinal, ó pai, de que realmente descendo de ti, de maneira que meu espírito tenha certeza".

Disse. Seu pai tirou os raios brilhantes que lhe circundam a cabeça e mandou que ele se aproximasse, depois disse, abraçando-o: "Não mereces que eu te renegue, e Climene falou a verdade sobre o teu nascimento. E, para que não duvides, pede-me o presente que desejas, não me negarei a concedê-lo. Que seja testemunha da promessa o palude pelo qual jurara os deuses, desconhecidos por meus olhos". Mal se calou, o jovem pede o carro paterno, a fim de dirigir durante um dia os cavalos alípedes.

O pai arrependeu-se de ter jurado, E disse, sacudindo três e quatro vezes a luminosa cabeça: "Tuas palavras mostram bem a temeridade das minhas. Oxalá pudesse eu não cumprir a minha promessa! Confesso-te, meu filho, que é a única coisa que te negaria. É-me lícito dissuadir-te. E perigosa a tua vontade. Pedes, um grande

favor, que não está de acordo com tua força nem com a tua tenra idade. Teu destino é mortal. O que queres não é para um mortal. Desejas, insensato, o que não é permitido sequer aos deuses. É lícito a cada um fazer de si mesmo o melhor juízo, mas ninguém, exceto eu, é capaz de dirigir o carro ignífero. O próprio governante do alto Olimpo, que lança com a mão terrível o raio feroz, não conduz esse carro. E quem temos maior do que Júpiter? Antes de mais nada, a estrada é íngreme e difícil, e pela manhã os cavalos já têm dificuldade de galgá-la. E altíssima no meio do céu, e eu mesmo, ao ver dali o céu e a terra, muitas vezes sinto medo e meu coração bate desordenadamente com o susto. No fim, a estrada é em declive, e é preciso mão firme para guiar. Então, mesmo Tétis⁴⁴, que me recolhe nas ondas, receia que eu caia vertiginosamente. Além disso, o céu é afetado por uma constante rotação que movimenta os astros, fazendo-os girar. Avanço em sentido contrário; e aquele ímpeto, que vende tudo, não me vence, e movo-me desafiando aquele movimento vertiginoso⁴⁵. Supõe que eu te entregue o carro. Que farás? Poderás enfrentar a rotação dos polos, para não seres arrastado pelo eixo movediço? Por acaso imaginas que há no céu bosques, cidades dos deuses e templos repletos de oferendas? Aquele caminho avança entre ciladas e animais ferozes. E mesmo se o seguires sem errar, terás de enfrentar os chifres do odioso Touro, o arco do Sagitário⁴⁶, a boca do feroz Leão, o Escorpião recurvando os ferrões e o Câncer também de ferrões recurvados, mas em outro sentido. Quanto aos quadrúpedes, animados por um fogo que têm no peito e que soltam pela boca e pelas narinas, conduzi-los não te será fácil. Mal me obedecem, desde que se aquele seu vigor feroso, e mal suportam o freio⁴⁷. Cuidado, meu filho,

para que eu não te preste um favor funesto e, já que ainda é tempo, muda de ideia. Em verdade, pedes uma prova para teres certeza de que nasceste do meu sangue? O meu temor é essa prova, o medo demonstra que sou teu pai. Encara-me bem. Oxalá pudesses com os olhos devassar-me o coração e descobrir em seu imo os cuidados de um pai! Enfim: olha, em torno de ti, todas as riquezas do mundo, pede o que quiseres, entre tantos bens que oferecem o céu, a terra e os mares. Nenhum te será recusado. Suplico-te que renunciés a esse único desejo, que em verdade se deve chamar castigo, e não glória. É um castigo, Faetonte, que pedes como favor. Por que me cinges, insensato, com teus braços carinhosos? Não duvides, ser-te-á concedido — jurei pelas águas do Estige! — tudo que escolheste. Mas deverias mostrar mais juízo em tua escolha”.

Assim aconselhou⁴⁸. Faetonte, no entanto, resiste aos conselhos, insiste em seu propósito e anseia pelo carro. Assim, seu pai, tendo retardado tanto quanto pode o momento, leva o jovem até o imponente carro, presente de Vulcano. O eixo era de ouro, o timão de ouro, de ouro a curvatura da grande roda, de prata a série de raios. O jugo, cravejado de crisólitas e pedras preciosas, devolvia a Febo o reflexo de sua luz ofuscante. Enquanto o altivo Faetonte admirava o carro, eis que a vigilante Aurora escancara, na nascente, as portas purpúreas e o átrio coberto de rosas. Dispersam-se as estrelas, Lúcifer⁴⁹ ajunta as suas hostes e deixa por último seu posto no céu. Ao ver as terras e o mundo enrubescerem, e desaparecer o último quarto da Lua, o Titã ordena às velozes Horas que atrelem os cavalos. As deusas prontamente obedecem, trazem das magníficas cavaliças os quadrúpedes que respiram fogo, saciados

do sumo da ambrosia, e colocam-lhes os ressonantes freios. Então, o pai unge o rosto do filho com um óleo divino, tomando-o imune às chamas devastadoras, cinge a cabeleira de raios e, arrancando do imo do peito suspiros que vem do pressentimento do luto, diz-lhe:

“Se podes, ao menos, atender aos conselhos de um pai, poupa, meu filho, o aguilhão e sustenta as rédeas com mão firme. Os próprios cavalos se encarregam de correr⁵⁰; o difícil é modelar-lhes o ímpeto. Não queiras atravessar diretamente as cinco vias da abóbada; um caminho as corta obliquamente, descrevendo uma grande curva; limitando-te às três zonas, foge do polo austral e da Ursa associada ao Aquilão. Seja essa a rota. Verás os sinais bem nítidos das rodas. E, para que o Céu e a Terra recebam calores iguais, nem desças muito, nem procures alcançar as alturas do éter. Se subires muito alto, incendiarás as moradas celestes, se desceres muito abaixo,” a Terra; o meio é o caminho mais seguro⁵¹. Que não te desvies muito à direita para o lado da Hidra, nem muito à esquerda o carro tem leve para o lado de Altair; mantenha-te em segurança entre as duas. Confio o resto à Fortuna; que ela te favoreça e cuide de ti, melhor que tu mesmo. Eis que, enquanto falo, a úmida noite alcançou as balizas dispostas nos confins da Hespéria⁵². Não podemos retardar por mais tempo. Chamam-nos: brilha a Aurora, dissipadas as trevas. Segura as rédeas! Ou, se mudaste de ideia, usa de meus conselhos e não do meu carro, enquanto podes, e ainda pisas a terra firme, enquanto não te encontras, inexperiente, no carro que erradamente desejas. Para a veres com segurança, deixa-me dar à luz à Terra!”

Faetonte entra no carro, bem leve para o seu jovem corpo; põe-se de pé em cima dele, rejubila-se em segurar

as rédeas e agradece ao constrangido pai. Entretanto, os cavalos alados do Sol, Piroente, Eous e Eton e o quarto, Flegon, enchem os ares com os seus relinchos flamívomos e escarvam a barreira com os cascos. Depois que Tétis, ignorando o destino do neto, a abriu, e que os cavalos tiveram o campo livre no imenso mundo, avançam pelo caminho, movendo no ar as patas, cortam as nuvens que encontram pela frente e, erguidos pelas asas, ultrapassam os Euros, saídos da mesma parte que eles. A carga era leve, contudo, e os cavalos do Sol não a podiam reconhecer, e o jugo não pesava tanto como de costume. E, do mesmo modo que os recurvados navios, carentes do necessário lastro, são arrastados pelo mar açoitados pelas ondas, porque muito leves, assim também o carro, privado de seu peso habitual, dá saltos no ar, sacudido com força, como se estivesse vazio. Logo que tal sentiram, os quatro cavalos dispararam e abandonam a rota que costumavam seguir. Faetonte apavora-se. Não sabe como manejar as rédeas, não sabe que caminho tomar; e, se o soubesse, não poderia fazer com que os cavalos lhe obedecessem. Então, pela primeira vez, as duas Ursas, da região do gelo, aqueceram-se com os raios solares e tentaram em vão mergulhar em um mar interdito. E a serpente, colocada próxima do polo glacial, entorpecendo antes sob o frio e nada tendo a temer, aqueceu-se e o calor lhe provocou uma ira desusada. Também tu, Boeiro segundo se diz, fugiste assustado, embora lento e preso ao teu carro⁵³.

Em verdade, quando, do alto do éter, o infortunado Faetonte viu a Terra bem no fundo do abismo, empalideceu e, de súbito, seus joelhos começaram a tremer, e, no meio de tanta luz, a treva se estendeu sobre os seus olhos. Desejaria jamais ter posto as mãos tios

cavalos de seu pai, e já se lamenta de ter conhecido a sua origem e de terem sido atendidas as suas súplicas. Agora, desejaria passar por filho de Merope⁵⁴, enquanto é arrastado como o barco que é arrastado por Bóreas⁵⁵, e cujo piloto tivesse desistido de dirigi-lo, resignando-se à vontade dos deuses e às preces. Que fazer? Deixou grande espaço do céu para trás, há uma parte maior diante de seus olhos. Calcula na mente ambas as distâncias. Olha para o poente, que o destino não lhe permite alcançar, e olha algumas vezes para a nascente. Sem saber o que fazer, queda perplexo, e nem afrouxa as rédeas, nem sabe mantê-las firme, e nem sabe os nomes dos cavalos.

Também vê os prodígios espalhados aqui e ali pelo céu de aspeto variado e, trêmulo, contempla as imagens das feras desmedidas. Há um lugar onde o Escorpião arredonda as pernas formando um duplo arco e, com a cauda e os ferrões recurvados, ocupa, estendido, o espaço de dois signos. Quando o jovem o avistou, empapado do negro veneno, ameaçando feri-lo com o ferrão recurvado, o jovem, gelado de terror, perdendo a cabeça, largou as rédeas. Desde que sentem as rédeas tocarem-lhes as costas, os cavalos disparam, sem ninguém para contê-los, cortando os ares de uma região desconhecida; para onde o ímpeto os leve, galopam desenfreados, irrompem nas estrelas presas ao alto do éter, arrastam o carro por lugares sem caminho. Ora buscam as alturas, ora, por declives repletos de precipícios, se aproximam da Terra. A Lua admira-se ao ver os cavalos de seu irmão seguir um curso mais baixo do que o seu; e as nuvens se evaporam com o calor. Chamas irrompem nos pontos mais altos da Terra, e o solo se fende e se desseca, pois a água desaparece. As

pastagens se embranquecem, as árvores se queimam com as suas frondes, as searas secas as oferecem um alimento ao fogo. E tudo isso não é nada. Desapareceram grandes cidades com as suas muralhas; nações inteiras são, pelo incêndio, reduzidas a cinzas, com os seus povos. Ardem as florestas com as montanhas, ardem o Atos, o Tauro, o Cilice, o Timolo e o Eta, e o Ida já seco, mas, até então, repleto de fontes, e o Hélicon, morada das Musas⁵⁶ e o Hemo, que ainda não era o monte de Egros⁵⁷. Arde o imenso incêndio no Etna de fogos geminados, ardem o Parnaso de dois cumes, o Erice, o Cinto e o Otris, e o Ródopes enfim livre da neve, o Mimante, o Dindimo, o Micalé e o Citemon destinado a um culto⁵⁸. Não vale à Citia o seu frio; ardem o Cáucaso, o Ossa com o Pindo, e o Olimpo mais alto que os dois, e os altos Alpes e os nevoentos Apeninos.

Então, Faetonte vê todo o mundo em chamas, e sente também um calor intolerável; aspira pela boca um ar abrasador, como que vindo de uma profunda fornalha, e sente o carro tornar-se brasa; não mais suporta as cinzas e as fagulhas lançadas, e uma fumaça quentíssima o envolve por todos os lados. Não sabe aonde vai, onde está; na escuridão de breu que o envolve é arrastado à vontade pelos cavalos alados. Acredita-se que foi então que os povos da Etiópia adquiriram a cor negra, em virtude de ter sido o sangue atraído à superfície do corpo. Então, tornou-se árida a Líbia, com as águas afastadas pelo calor. Então as ninfas, de cabelos desgrenhados, lamentaram a perda de suas fontes e seus lagos. A Beócia procura as águas Dirca, Argos as de Amimone, o Epiro as de Pirena. Nem mesmo os rios aos quais couberam leitos longínquos ficaram seguros. A fumaça elevou-se no meio das águas do

Tanais, do velho Peneos, do Teutrante e do Caico, do rápido Ismenos, assim como do Erimanto que banha Férgia, do Xanto destinado a ser incendiado outra vez, do amarelo Licorma, do Meandro que se compraz com as curvas de seu leito, do Melas de Migdônia e do Eurota da Lacônia. Arde o Eufrates babilônico, arde o Oronte, o rápido Termodonte, o Canges, o Fase e o Hister. Referve o Alfeu, incendeiavam-se as margens do Espérquio, e o Tejo corre com o ouro do seu curso derretido⁵⁹, e as aves que, com os seus cantos, alegravam as margens do Meandro, pereceram queimadas no Caistro⁶⁰. O Nilo, aterrorizado, foge para a extremidade do orbe, escondendo as nascentes, que até hoje estão ocultas; falta a água nas sete embocaduras poeirentas, os sete vales estão secos. Sofrendo o mesmo destino, os trácios Hebro e Estrimone secam, assim como os rios da Hespéria, o Reno, o Ródano e o Pó, e aquele a quem foi prometido o império do mundo, o Tibre.

Fende-se o solo por toda parte, a luz penetra pelas fendas até o Tártaro, aterrorizando o rei do inferno e sua esposa. O mar se contrai, estende-se uma planície de areia onde antes se encontravam as águas; surgem as montanhas que o mar profundo recobria e aumenta o número das dispersas Cíclades. Os peixes procuram o fundo do pélagos, e os golfinhos, recurvados, já não se atrevem a pular, como de costume, acima da água. O corpo inanimado das focas flutua de costas sobre o mar⁶¹. Dizem que o próprio Nereu se escondeu com Dóris e as filhas⁶² em suas cavernas, tépidas também. Por três vezes Netuno ousara erguer acima das águas os braços, com o rosto carrancudo, e por três vezes não suportou o fogo.

No entanto, a Terra benevolente, cercada como era

pelo mar, colocada entre as águas do pélago e as fontes em todas as partes quase secas, e que tinham se refugiado nas escuras entranhas maternas, ergueu, febril, até o pescoço, a cabeça torturada, levou a mão à frente e, com um grande tremor que abalou tudo, desceu um pouco abaixo do que costuma, e com a voz venerável, assim falou: “Se tal é a tua vontade, se o mereço, por que tarda o teu raio, ó deus supremo? Se devo perecer pela força do fogo, que eu tenha o consolo de perecer pelo teu fogo⁶³. Mal consigo mesmo arrancar as palavras da garganta” — o vapor lhe sufocava a boca — “olha meus cabelos queimados, vê quanta cinza há nos meus olhos e sobre o meu rosto. Por acaso são estes os frutos, por acaso é esta a recompensa que mereço por minha fertilidade e meus trabalhos, por ser ferida pela adunca relha do arado, pelo esforço que faço o ano inteiro para oferecer folhas ao gado e o bom alimento, as searas, ao gênero humano e a voz também o incenso?⁶⁴ Supõe, no entanto, que eu merecesse a morte; mas o mar, o que te fez teu irmão? Por que decresce o nível das águas que lhe couberam pelo destino e elas cada vez estão mais longe do éter? E se não te apiedas nem de mim nem de teu irmão, tem piedade do céu. Contempla os dois: ardem ambos os polos. E se o fogo os consumir, vossos palácios ruirão. O próprio Atlas sucumbirá, mal suportando sobre os ombros o mundo em chamas.⁶⁵ Se perecerem o mar, a Terra e os palácios do céu, recairemos no antigo caos. Livra das chamas o que ainda resta, e vela pelas coisas supremas”.

Assim falou a Terra não pode, porém, suportar por mais tempo o ar sufocante, nem dizer mais nada, e escondeu a cabeça em suas entranhas e nas cavernas próximas dos Manes. Então, o pai onipotente, invocando

o testemunho dos deuses superiores e daquele mesmo que cederá seu carro, e nada pode fazer, dirige-se à elevação, de onde costuma envolver de nuvens a extensão das terras, e de onde vibra os trovões e lança os raios. Não pode, porém, espalhar nuvens sobre as terras, nem mandar chuvas ao céu. Troveja, e erguendo o raio à altura da orelha direita, lança-o contra o cocheiro, que priva, ao mesmo tempo, do equilíbrio e da vida, e com seu fogo feroz contém o fogo. Caem os cavalos e, tentando se reerguerem, com um pulo, arrancam o jugo do pescoço e fogem, deixando os arreios arrebitados. Aqui, estendem-se as rédeas, ali jaz o eixo destacado do timão, acolá os raios das rodas despedaçadas e os destroços do carro destruído se espalham ao longe.

Faetonte, tendo em chama os cabelos rutilantes, rola no abismo, deixando no ar um longo rastro, como, às vezes, uma estrela no céu sereno, que, embora não caia, parece ter caído. Longe da pátria, na outra extremidade do orbe, o Eridano o acolhe e lava o rosto fumegante. As Náíades da Hespéria enterram o corpo ainda fumegante e escrevem no rochedo estes versos: “Aqui jaz Faetonte, cocheiro do carro paterno; se não pode dirigi-lo, pelo menos morreu por ter tentado, corajosamente, um grande feito”.⁶⁶ O pai, digno de piedade pelo sofrimento, escondeu o rosto; e, se acreditarmos na tradição, houve um dia inteiro sem sol. O incêndio iluminava o mundo, e para alguma coisa ao menos serviu aquela calamidade.

Quanto a Climene, depois de dizer as palavras que deveriam ser ditas diante de tamanha desgraça, triste, desvairada, com o coração dilacerado, percorreu o mundo inteiro, em busca, primeiro dos membros inanimados, depois dos ossos do filho. Encontrou, afinal, os ossos escondidos em uma plaga longínqua.

Prosternou-se no chão, cobriu de lágrimas o nome que leu no mármore, e, com o peito descoberto, o aqueceu.

As Heliádes

Não é menor o sofrimento das Heliádes, que oferecem à morte, como presentes inúteis, suas lágrimas; esmurrando o peito, noite e dia chamam Faetonte, que não ouvirá os seus lamentos, e se deitam ao pé do sepulcro. Já quatro vezes a Lua completara seu disco, juntando as pontas dos crescentes; elas, segundo o costume, pois o costume surgira com a repetição, continuavam a lamentar-se. Uma delas, Faetusa, a mais velha das irmãs, quando quis se prosternar no chão, queixou-se de sentir os pés entorpecidos. Ao juntar-se a ela, a alva Lampetia foi detida por uma raiz surgida de repente. Uma terceira, quando tentava arrancar os cabelos, ficou com folhas nas mãos. Esta sente as pernas transformadas em troncos, aquela vê os braços se moverem dolorosamente como compridos ramos. E, enquanto todas se surpreendem, a casca lhes envolve as virilhas e, pouco a pouco, cobre o ventre, o peito, os braços e as mãos, e só lhes ficou livre a boca que chamava pela mãe. Que fazer a mãe, senão deixar-se levar pelo ímpeto que a empurra, e ir de uma a outra, enquanto pode, trocando beijos? Não lhe é suficiente; tenta arrancar-lhes dos troncos os corpos e as mãos, e quebra os frágeis ramos. E dali goteja o sangue, tal como de uma ferida. “Piedade, peço-te, minha mãe!”, exclama cada uma delas, ao ser ferida. “Piedade, peço-te! Nosso corpo é lacerado na árvore”. E agora, adeus. A madeira disse as suas últimas palavras. Dela correm lágrimas, que

caem gota a gota, e se solidifica no solo o âmbar, que o rio cristalino recolhe e leva às mulheres latinas, para se enfeitarem.

Cicno

A esse prodígio assistiu Cicno, filho de Esteleno, que, se bem que unido a ti. Faetonte, pelo sangue materno, o foi ainda mais pela amizade⁶⁷. Depois de renunciar ao poder — pois reinara sobre os povos da Ligúria e grandes cidades — enchera de seus lamentos as margens verdejantes e o rio Eridano⁶⁸ e a floresta aumentada pelas irmãs. De súbito, sua voz se enfraquece, penas brancas lhe escondem os cabelos, o pescoço se alonga, afastando-se do peito, uma membrana liga os seus dedos que se avermelharam, uma plumagem cobre o corpo, a boca ganha um bico sem ponta. Cicno toma-se uma nova ave⁶⁹; não confia no céu nem em Júpiter, pois se lembra de que o fogo foi injustamente lançado por ele; buscou os pântanos, os grandes lagos; temeroso do fogo, escolheu para moradia os rios, inimigos das chamas.

Enquanto isso, o pai de Faetonte, sombrio e privando-se ele próprio de seu brilho, tal como acontece quando ele falta ao orbe⁷⁰, odeia a luz, e a si mesmo, odeia o dia, entrega-se à dor, e a dor lhe aumenta a ira, e recusa seus serviços ao mundo. “Desde o princípio do mundo, meu destino foi sem descanso”, diz. “Pesa-te ter feito tanto esforço sem fim e sem recompensa. Que outro, quem quiser, conduza o carro que transporta a luz! Se não há ninguém, se não podem todos os deuses, que o próprio Júpiter⁷¹ o faça; pelo menos, enquanto estiver às voltas com as rédeas, porá de lado os raios que roubam

os filhos aos pais. Saberá então, quando tiver conhecido a força dos cavalos ignívomos, que não merecia a morte quem foi imperito ao dirigi-los.” Enquanto o Sol assim fala, todos os deuses o rodeiam, e pedem-lhe, com voz súplice, que desista de mergulhar o mundo nas trevas. Até Júpiter desculpa-se pelos raios e, em sua qualidade de rei, acompanha as súplicas de ameaças. Febo ajunta os cavalos desvairados e ainda presa do terror, e, aflito, castiga-os com o aguilhão e o chicote; exaspera-se, culpando-os pelo que fizeram ao filho.

Calisto

Entretanto, o pai onipotente anda ao redor das ingentes muralhas do céu, e as examina, temendo que ele possa desabar em algum ponto abalado pela violência do fogo. Após verificar que estavam firmes e sólidas, observou atentamente as terras e as provações dos homens. Preocupa-se, porém, mais que tudo com a Arcádia; restabelece o curso das fontes e dos rios que ainda não se atreviam a correr, devolve a relva à terra, as frondes às árvores e faz reverdecer os bosques maltratados. Durante essas frequentes idas e vindas, seus olhos contemplaram a donzela nonacrínia⁷², e o fogo da paixão lhe ardeu até os ossos. Não era ela mulher de amaciar a lã ou alterar o penteado dos cabelos. Presa à veste por uma fivela, tinha os revoltos cabelos cingidos por uma fita branca, a mão armada, ora por um leve dardo, ora por um arco; era um soldado de Febe. Jamais pisou o Menalo virgem mais querida de Trívia⁷³. Nenhum poder, porém, dura muito tempo.

O Sol estava alto, tendo ultrapassado a metade do

seu curso, quando ela entrou no bosque, nenhuma árvore do qual o tempo matara. Tirou do ombro a aljava, afrouxou o arco flexível, e repousava estendida na relva, com a nuca apoiada nos carcás sarapintado. Como Júpiter a ver, cansada e desprotegida, diz consigo mesmo: “Eis uma aventura que minha esposa certamente ignorará, ou, se ficar sabendo... vale, vale bem uma discussão”. Sem demora, assume o aspeto e os modos de Diana e exclama: “A donzela que fazes parte de minhas companheiras, em que lugares caçastes?” A virgem levanta-se da relva. “Salve deusa, para mim maior (não me importo que ele me ouça) do que Júpiter”, exclama. Júpiter sorri, ao ouvi-la, e, muito satisfeito de ver-se preterido por si mesmo, beija-a, não com o recato com que uma virgem beijaria⁷⁴. Ela se dispõe a contar em que florestas caçara, mas ele impede, com o seu abraço, e revela-se quem é, e não sem culpa. Ela, por seu lado, resiste, tanto quanto pode uma mulher; se a visses, filha de Saturno, terias menos raiva! Mas contra quem poderia triunfar uma donzela e contra Júpiter que deus? Júpiter, vencedor, volta ao éter. Ela só sente ódio por aquele bosque, por aquela floresta cúmplice, e, ao deixá-la, quase se esqueceu de levar a aljava com as flechas e o arco que pusera perto.

Eis, porém, que, acompanhada pelo cortejo de suas companheiras, Dictina⁷⁵ sai do alto do Menalo, orgulhosa, com as feras que caçara, e, avistando a donzela, a chama. Calisto foge, receando, a princípio, que Júpiter se disfarçasse na deusa. Quando viu, porém, que também avançavam as outras virgens, percebeu que não se tratava de uma cilada e foi se juntar a elas. Ah! Como é difícil impedir que transpareça no rosto um pecado! Mal levanta os olhos do chão; não caminha, como costumava,